



MEMÓRIA E IDEOLOGIA NA COBERTURA JORNALÍSTICA DO CONFLITO PELA TERRA EM MATAS DE PAU BRASIL (1972-81)

Humberto da Silva Carvalho Junior (UESB)¹
José Rubens Mascarenhas de Almeida (UESB)²

INTRODUÇÃO

Este resumo expandido aborda a relação entre memória e ideologia, evidenciada na cobertura jornalística do Tribuna do Café, jornal de maior expressão de Vitória da Conquista na década de 1970, sobre o conflito pela terra na Fazenda Matas de Pau Brasil, localizada em Barra do Choça, entre os anos de 1973 e 1981. Fundado em 1974, período que coincide com a reintrodução do cultivo do café em larga escala no Planalto da Conquista, o jornal estudado carrega em seu nome uma pretensa identificação com a burguesia agrária local, que enxergava na cafeicultura a oportunidade de desenvolvimento econômico da região.

O “Caso Pau Brasil” se inscreve exatamente no contexto da modernização do campo e avanço da cultura cafeeira no interior da Bahia, estimulada, sobretudo, pela política de subsídios oficiais dos governos militares do Brasil (1964-1985), mais precisamente na década de 1970, através do Plano de Renovação e Revigoramento de Cafezais (PRRC). Esta política provocou rápida e intensa especulação das terras da região, resultando em um vultoso processo de expropriação da terra e proletarianização dos trabalhadores rurais.

Considerado o mais longo conflito e com maior número de envolvidos na região, de acordo com relatório da Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Vitória da Conquista, envolvendo disputas pela terra, a luta de resistência dos posseiros de Pau Brasil contra a grilagem de suas terras assume um caráter de luta política de grande relevância para além da região, e passa a ser acompanhado pelos jornais de maior circulação do estado, como

1 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Graduado em Jornalismo (2007) pela UNIJORGE. E-mail: humbertos.jr@gmail.com.

2 Pós-doutor pela Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM, 2015). Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Titular do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Pertence ao quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (mestrado e doutorado). E-mail: joserubensmascarenhas@yahoo.com.br.



A Tarde, Tribuna da Bahia e Jornal da Bahia, que noticiaram parte significativa dos fatos deliberadamente ignorados pelo Tribuna do Café.

Destacamos como objetivos desta pesquisa: a) entender a relação entre memória e ideologia; b) analisar publicações jornalísticas de veículos impressos baianos que versaram sobre o conflito pela terra na Fazenda Matas de Pau Brasil (1972-1981); c) refletir a produção/veiculação de discursos ideológicos pela atividade jornalística daquela época, bem como, a contribuição desta para a formação da memória social acerca do episódio mencionado.

METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos técnico-metodológicos, a pesquisa utiliza-se de uma abordagem qualitativa para elucidar os determinantes sociais das relações de produção simbólicas atinentes à atividade jornalística, enquanto empresa capitalista, bem como os mecanismos utilizados em seu processo de produção de significados, amplificando a assimilação ideológica.

A partir dos significados veiculados no Tribuna do Café sobre o referido evento, utilizamos as seguintes técnicas de leitura para coletar e analisar os dados pertinentes à pesquisa (LIMA; MIOTO, 2007). (1) Leitura de reconhecimento – uma leitura rápida que buscou eleger o material bibliográfico apresentava potencial para ser analisado. (2) Leitura exploratória – acerca do material selecionado, realizou-se uma leitura rápida, verificando-se as informações ali contidas e como estas se relacionavam com o objetivo da pesquisa. (3) Leitura Seletiva – Uma vez confirmada a pertinência no material bibliográfico para a pesquisa, realizou-se uma leitura criteriosa sobre o texto, de modo a identificar quais informações seriam pertinentes à pesquisa, descartando as informações que não são necessárias. Nessa etapa se destacam as informações, conforme o pensamento do autor lido, de modo a fichar as ideias que interessam à pesquisa. (4) Leitura reflexiva – após seleção das informações mais relevantes à pesquisa, incide-se outra leitura do material fichado com o intento de organizar e ordenar o material que foram selecionados. Nessa etapa o pesquisador começa a articular os dados que foram escolhidos e fichados. (5) Leitura interpretativa – organizado o material, inicia-se a fase de análise das matérias, procurando desvelar o viés ideológico no processo de produção do conteúdo jornalístico.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao registrar acontecimentos de um dado contexto histórico-social sob a forma escrita, o que lhe confere automaticamente o caráter documental – e, por conseguinte, credibilidade –, além de se objetivar como a materialização de um testemunho histórico, isto é, como produto das relações de poder daquela época, os jornais emergem como “documento-monumento”, na expressão utilizada por Le Goff (1990).

A compreensão da atividade jornalística na produção e publicação de informações a serem consumidas, por indivíduos que buscam se situar diante da realidade, bem como a sua influência no processo de composição da memória social acerca de determinado acontecimento, possibilita-nos também pensarmos os veículos de comunicação de massa como importantes instrumentos de poder. Esta visão crítica da imprensa questiona a romântica ideia do jornalismo enquanto função social, desprovido de intenções outras que não a divulgação de fatos não presenciados pelo seu interlocutor, como a atividade que reproduz fielmente a realidade.

Salientamos que entendemos por documento, em sua acepção mais ampliada, qualquer registro escrito, imagem, áudio, ilustração, etc. Assim, se os jornais almejam a documentação de fatos históricos que direcionam a rememoração do passado, atualizando a memória social em vista do presente e futuro, estes documentos devem ser estudados como monumentos. Embora a noção de monumento no senso comum designe as mais diversas edificações, como estátuas e lápides, destinadas a eternizar a memória de algo ou alguém, “o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação” (LE GOFF, 1990, p. 535).

Neste sentido, pensar o documento como monumento é estudá-lo numa perspectiva socioeconômica e política, sobretudo como instrumento de poder. Lastreados por tal concepção, pensamos o conflito pela terra na Fazenda Matas de Pau Brasil através da análise do processo de produção de significados no jornal *Tribuna do Café*, no intuito de desvendar os jornais como mecanismos de criação de acontecimentos memoráveis (NORA, 1979) e, enfim, como Aparelhos Ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1980).

A reconstrução integral do passado é algo impossível e, até mesmo, espantoso (TODOROV, 1992, p. 16). No entanto, compreendendo a memória como um esforço de recuperação de informações do passado, o ato de recordar se efetiva por uma seleção realizada no presente, atendendo às aspirações atuais de quem recorda. A urgência de



recordar ou esquecer o passado pressupõe a pretensão do uso da memória. A operação de seleção que compõe a memória social, indica aos sujeitos os rastros daquilo deve ser “memorizado, rememorado, festejado, ou daquilo que deve ser olvidado para o bem de uma dada ordem” (ALMEIDA, 2014, p. 54). Não podemos falar, assim, de uma memória social unívoca devido à complexidade do metabolismo social. Cada grupo, classe ou fração de classe propõe um significado ao passado que melhor se adéqua aos seus valores e interesses (JEDLOWSKI, 2000, p. 127). Assim, se as memórias são resultado das relações sociais e, conseqüentemente, “constructos político-ideológicos”, logo são “locus de conflitos e contradições” (ALMEIDA, 2014, p. 57).

Antes, devemos salientar que a memória aqui é entendida como elemento social em contraposição ao seu aspecto biológico ou psíquico, como era concebida no século XIX. Seguindo Almeida (2014, p. 54), a concepção de memória “trata da sua natureza social, de seu caráter de constructo social nos marcos de uma determinada sociedade, a partir da interação e do lugar que os sujeitos ocupam nela”. Em consequência desta opção, a memória é abordada sob a perspectiva do Materialismo Histórico e de sua dialética.

A memória social, em sua articulação com a ideologia, ocupa um lugar central no conflito entre a memória da classe operária e as ideologias dominantes dos grupos que controlam os meios de produção materiais e simbólicos. Embora as memórias das classes dominantes tenham maior evidência, sobretudo devido aos suportes dos Aparelhos Ideológicos e Aparelhos Repressivos de Estado (ALTHUSSER, 1980), a memória social pode ser reivindicada como expressão da atualização de um passado que reforce a história concreta dos trabalhadores, em contraposição à história oficial.

Refletimos, portanto, o jornal impresso como suporte material da memória social, como vestígio que possibilita a transmissão/atualização do passado de uma geração à outra (POMIAN, 2000, p. 508). Com isso, asseveramos que a produção jornalística tem papel ativo no processo de atualização do passado e, nos desdobramentos da luta de classes.

CONCLUSÕES

Ao estudarmos a cobertura jornalística do conflito pela terra na Fazenda Matas de Pau Brasil, mediante notícias publicadas no Tribuna do Café, desvelamos os veículos de comunicação de massa enquanto locus de disputa pela institucionalização de “verdades”



e preservação de uma memória ideologizada. Entendemos, assim, que os jornais efetivam a documentação de fatos históricos que conduzem à evocação do passado, atualizando a memória social em função do presente e futuro. Por isso pensamos o jornal, na expressão de Le Goff (1990), como documento-monumento, como instrumento de poder.

Do ponto de vista dos resultados práticos da nossa pesquisa, concluímos que a principal estratégia utilizada pelo “Tribuna do Café”, na sua relação com os interesses dos posseiros foi, principalmente, a do silenciamento, o que pode ser notado no fato de os posseiros nunca terem sido ouvidos pelo referido jornal, senão por meio do discurso de seus representantes (bispo, padres, advogado, líder sindical, etc.). Constatamos, ainda, que o jornal aqui estudado revelou-se aliado do agronegócio e hostil à pequena propriedade e ao seu modo de produção, negligenciando, sistematicamente, as informações que desvelariam as incongruências da sociedade burguesa, a inconciliabilidade dos interesses das classes conflitantes.

Entendemos, por fim, que a cobertura jornalística analisada pretendeu forjar a memória de um conflito moderado, sempre mediado pelo Estado. Notamos, também, que o movimento de resistência dos posseiros rompeu o cerco de silêncio na imprensa local e, muitas vezes, obteve espaço em outros periódicos, denunciando atos do grileiro e o apoio do Estado a este.

Palavras-chaves: Memória. Ideologia. Jornalismo. Imprensa. Materialismo Histórico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. A ditadura brasileira e a luta de classes no campo da memória. **Lutas Sociais** (PUCSP), São Paulo, v. 18, p. 50-63, 2014.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. 3. Ed. Lisboa, Portugal: Editorial Presença/Martins Fontes. 1980.

JEDLOWSKI, Paolo. *La sociología y la memoria colectiva*. In: RIVERO, Rosa; BELLELLI, Guguelmo; BAKHURST, David (Org.). **Memoria Colectiva e Identidad Nacional**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.



LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1990.

LIMA, T.; MIOTO, R. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, 10 (esp), 37-45, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>>. Acesso em 30 de junho, 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia**. São Paulo: Ática, 1989.

MARX, K.; Engels, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

NORA, Pierre. O Retorno do Fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

POMIAN, Krzysztof. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, V.42 (Sistemática), 2000, p. 507-516.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória. Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 15, 1997, p. 51-84.

TODOROV, Tzvetan. **Los Abusos de la Memoria**. Barcelona: Paidós, 2000.